



cristina canale

galeria

nara roesler

entre o ser e as coisas



menina e vento, 2013 -- mista sobre tela/mixed media on canvas -- 200 x 200 cm

cristina canale

entre o ser e as coisas

luisa duarte

Entre o Ser e as Coisas, individual de Cristina Canale, possui em seu título uma pista preciosa para esmiuçarmos os vetores que norteiam a construção do conjunto de pinturas aqui apresentado. No contexto filosófico, Ser é o que está para além do campo físico e sensível, além dos fenômenos visuais; diz respeito ao mundo das ideias, dos conceitos. Existem as coisas, os entes: uma cadeira, um sapato, são coisas, são entes. E existem as ideias do que seja sapato, do que seja cadeira. Há uma ideia de caráter universal para uma multiplicidade de entes. O Ser doaria um sentido de raiz universal para as coisas.

A arte, a partir do final do século XIX, passa a ser vista como um lugar privilegiado para que o Ser do ente venha à luz e seja desvelado, sendo um âmbito no qual conteúdo sensível e conteúdo inteligível fundem-se e dão a ver e a pensar, simultaneamente.

Note-se que esta maneira de ver o fato artístico não nasce com a filosofia, muito pelo contrário. Para Platão, os artistas deveriam ser expulsos da cidade, pois inebriavam a mente ao falsearem o mundo com imagens que não representavam a verdade, cuja verdade teria morada em um lugar para além do sensível, no que se convencionou chamar de metafísica.

Um correlato possível dessa paridade entre Ser e ente (coisa) no território da arte encontra-se no par abstração geométrica e figuração. A geometria, o *grid*, seriam expressões guiadas por uma crença na pureza da razão, na abstração cognitiva, procedimentos estes ancorados no sonho moderno. No Brasil, o Construtivismo, cujas bases estão na neutralidade da geometria, foi contaminado pelo Neoconcretismo: houve uma fusão entre as formas puras e o corpo, entraram em cena a organicidade, o acaso, a vida que passa.

Essa digressão pode nos ajudar a chegar aos vetores principais do programa poético de Cristina Canale. Desde os anos 1980 a artista vem construindo uma pesquisa rigorosa no campo pictórico. Se a tensão entre abstração e figuração hoje é central em sua obra, no início os pólos matéria e paisagem constituíam a dialética maior da pesquisa. Sabemos que a chamada volta da pintura na década de 1980 teve como traço marcante a presença matérica, que doava um caráter expressivo para o gesto artístico. Naquele momento, Cristina não se adequava a essa receita por inteiro: seus trabalhos lidavam com questões formais, faziam um uso intenso das cores, mas seu alvo era a construção de paisagens maleáveis, com tom mais solar e menos melancólico. Sua paleta era corajosamente mais aberta e diversificada do que a da imensa maioria de seus colegas de época, que tomavam partido por uma monocromia nublada, escura, devedora da escola alemã de pintura neo expressionista.

Passados trinta anos daquele começo, essa tensão que visa desconstruir uma vontade de ordem e perenidade - ou melhor, escolhe habitar um espaço *entre*, que transita pela abstração, as linhas e a evocação de figuras, tudo isso em grandes manchas de cor - é vista em cada uma das obras de *Entre o Ser e as Coisas*, doando uma coesão aguda para a exposição como um todo.

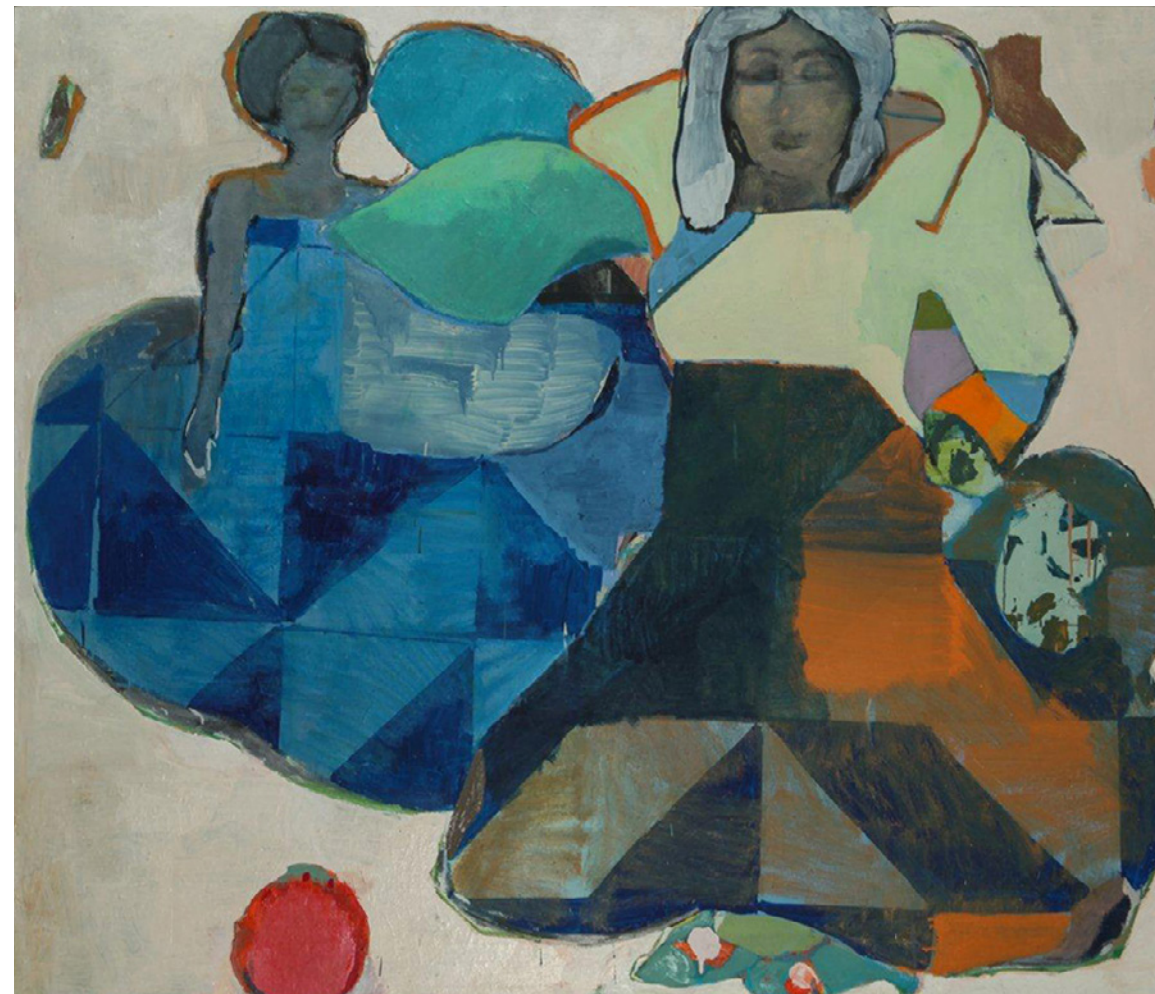
Vejamos como essas táticas poéticas acontecem na fatura das obras. Na tela *Anjo* vemos um padrão geométrico em verde e branco. Amalgamado a esse padrão surge a figura do que seria uma menina com asas de anjo que estende a mão para outro “alguém”, cuja roupa, rosto e corpo são informes. O que deveria ser figura torna-se abstração. E o que é abstração parece clamar por ser figurado. Na hora em que a conclusão da cena, da narrativa, parece precipitar-se, há um intencional recuo. Não temos o todo dado. A pintura continua a interrogar o nosso olhar. A artista, tal como Penélope, constrói e desconstrói, bem sabendo que é justamente nessa dinâmica que encontra-se o método desviante de sua poética.

Esse caminho insuspeito, que possui no desvio um método, prossegue em *Barroco*, na qual o fundo é organizado por linhas retas, uma espécie de fundamento necessário para que depois se possa alçar o vôo no qual a representação será posta em xeque. Uma padronagem com contornos orgânicos nas cores azul e branco concentra-se no meio do quadro. Aos poucos notamos que parece haver ali a figura de um animal ou mais de um (um galo e um cachorro?). A tela intencionalmente nos confunde, pois a cesura é o lugar que essa obra habita.

O que deveria trazer a parcela de mundo representado, figurado, está esgarçado, turvo e interligado com o que é pura pintura, pura cor. Não só na tela *Barroco*, mas na obra de Cristina como um todo, há um constante questionamento da imagem. O uso de motivos tradicionais da pintura e de cenas do cotidiano, que supostamente nos trazem para perto, é tensionado: trata-se de um universo que soa, a um só tempo, familiar e estranho.

O uso de motivos tradicionais da pintura dentro de uma narrativa fragmentada, arredia a qualquer completude, cujas bordas estão sempre diluídas, onde navegamos em um mar sem orla, são todos aspectos que corroboram para o retorno a uma questão primordial: a crise da representação posta na modernidade e que intensifica-se no contemporâneo. A pintura surge como um espaço de questionamento sobre o alcance do nosso olhar e, no limite, sobre as possibilidades da pintura mesma ainda representar ou dizer algo sobre o mundo.

As pinturas de Canale não querem “dizer” nada a respeito do que existe à nossa volta, ao mesmo tempo em que não dá as costas para o contexto em que vive. Nem o pouso na cartilha moderna que dava as costas para a vida, nem uma tematização que abdica da forma para apenas ilustrar algo. Sua pinturas querem edificar na carne da linguagem pictórica as suas narrativas desprovidas tanto de ponto de partida como de chegada, sendo sempre travessia.



damas, 2013 -- acrílica sobre tela/acrylic on canvas -- 140 x 165 cm



barroco, 2013 -- mista sobre tela/mixed media on canvas -- 100 x 120 cm

Suas casas são triângulos, as flores são linhas, um chapéu desmancha-se até tornar-se pura massa de cor, o cabelo torna-se círculos e cones. É assim, deixando que um vocabulário prosaico da vida comezinha apareça erigido sob formas abstratas que essas pinturas se infiltram na cesura entre Ser e coisa, entre o que é perene e o que é transitivo. Essa obra escolhe entrelaçar de maneira conflituosa, pois é justamente no curto-circuito que reside a sua potência, o que é do mundo, o que passa, o que é próximo e o que é pura abstração.

As obras de Cristina erigem assim uma sutil subversão que faz uso de procedimentos modernos e de uma fragmentação de natureza contemporânea. E neste mesmo lance, a artista nos devolve como surpresa o cotidiano mais prosaico, que o olhar embotado pelo hábito torna anêmico. Se a pintura em si já é um desafio no que solicita de parada para contemplação em tempos hiper acelerados, as que vemos hoje em *Entre o Ser e as Coisas* ainda nos desconcertam por nos lembrar que não é mau que as coisas se encontrem outra vez, e todos os dias, nos mesmos lugares. Mas é preciso “castigar os olhos fitando isso que anda no céu e aceita astuciosamente seu nome de nuvem, sua resposta catalogada na memória.” E nesse olhar fixo para aquilo que parece que já sabemos o que é, que automatizamos e já não mais enxergamos de fato, descobrir uma beleza e uma singularidade insuspeitadas. “Resistir a que o ato delicado de girar a maçaneta, esse ato pelo qual tudo poderia se transformar, possa cumprir-se com a fria eficácia de um reflexo cotidiano.”

As pinturas hoje reunidas se constituem como um espaço de resistência no qual recordamos a chance de voltarmos a olhar o que passa pelos nossos olhos diariamente de soslaio, limpando a poeira deixada pelo hábito. Lembremos: para cada coisa, existe um Ser. A arte tem o poder de doar uma segunda pele para a vida e, no encontro com as obras de Cristina Canale, é justamente essa segunda pele que doa singularidade e sentido para as experiências mais prosaicas que nos é endereçada.



peixes, 2014 -- óleo sobre tela/oil on canvas -- 40 x 40 cm



medusa, 2013 -- óleo sobre tela/oil on canvas -- 90 x 100 cm

between the being and things

luisa duarte

The title of Cristina Canale's solo exhibition *Entre o Ser e as Coisas* (Between the Being and Things) holds a precious clue when it comes to breaking down the vectors that drive the selection of this set of paintings. Philosophically, being is what lies beyond the physical and sentient field, beyond visual phenomena; it concerns the realm of ideas, of concepts. There are the things, the entities: a chair, a shoe are things, are entities. And then there are the ideas of what a shoe is, of what a chair is. There is an idea of universal character for a multiplicity of entities. The Being supposedly endows things with a sense of a universal root. From the late 19th century onwards, art came to be regarded as a privileged place at which for the entity's Being to come to light and be unveiled. As such, it is a realm where sensible content and intelligible content merge, providing food for thought and sight at once. Note that this view of the artistic fact was not born with philosophy; quite on the contrary. To Plato, artists had to be expelled from the city, for they inebriated the mind by falsifying the world with images that did not represent truth, whose truth supposedly dwelled in a place beyond the sensible, in what has come to be known as metaphysics.

A potential analogy to this parity between Being and entity (thing) in the realm of art is the geometric abstraction-figuration

pairing. Geometry and the grid are expressions driven by a belief in the purity of reason, in cognitive abstraction, which are procedures underpinned by the modern dream. In Brazil, Constructivism, whose foundations lie in the neutrality of geometry, was contaminated by Neoconcretism. There, pure forms merged with the body and the organic, chance and passing life entered the scene.

This digression can be helpful in grasping the key vectors of Cristina Canale's poetic program. Since the 1980s, the artist has conducted thorough research into the pictorial field. While tension between abstraction and figuration is central to her work today, early on, the poles of matter and landscape constituted the chief dialectic in her research. We are aware that a prominent feature of the so-called comeback of painting in the 1980s was the material presence that endowed the artistic gesture with expressive character. At that time, Canale did not fit the recipe altogether; her works dealt with formal issues, employed colors intensively, yet her goal was to build malleable landscapes, with a sunnier, less melancholy tone. Her palette was courageously more open and varied than those of the vast majority of her then-colleagues, who embraced a cloudy, dark monochromatism indebted to the German school of neo-expressionist painting.

Fast forward thirty years and this tension, which sets out to deconstruct a will to order, perpetuity – or, better yet, chooses to inhabit a space *in between*, which straddles abstraction, lines, the evocation of figures, all in big splatters of color – is seen in each of the pieces featured in *Entre o Ser e as Coisas*, endowing the entire exhibition with razor-sharp cohesion.

Let us see how these poetic tactics occur in each of the pieces. In the painting *Anjo* (Angel) we see a geometrical pattern in green and white. Enmeshed in this pattern there arises the figure of what would be a girl with angel wings reaching out her hand to another “someone,” whose clothes, face and body are shapeless. What should have been a figure becomes abstraction. What is abstraction appears to beg to become a figure. The moment the scene and the narrative seem to be drawing to a conclusion, an intentional recoiling motion takes place. All is not given. The painting keeps questioning our gaze. The artist, akin to Penelope, builds and takes apart, knowing well that precisely in this dynamic lies the deviant method to her poetics.

This unsuspected path whose method is deviation persists in *Barroco* (Baroque), its background arranged into straight lines, like a needed foundation so that afterwards, the flight can be taken where representation will be put in check. A pattern of organic blue-and-white contours hovers around the midsection of the painting. One gradually realizes that there seems to be the figure of an animal, or more than one (a rooster and a dog?). The picture is intentionally confusing, for incision is the place this piece inhabits.

That which should convey a portion of the world represented, figured, is instead frayed, bleared and interconnected with what is pure painting, pure color. Not only in *Barroco*, but in Canale’s entire work, there is a constant questioning of image. The use of traditional painting motifs and day-to-day scenes, which supposedly draw us close, is tensed up. It is a universe that sounds at once familiar and strange.

The use of traditional painting motifs in a fragmented narrative, which shuns any hint of completeness, its edges constantly diluted, as we sail a sea without a coast, are all aspects that point back towards a primordial question, namely the crisis of representation that emerged in modernity and worsened in contemporaneity. Painting arises as a space for questioning the reach of our gaze, and ultimately the possibilities of painting itself still representing or saying something about the world.

Canale’s paintings do not mean to “say” anything about what exists around us, nor do they turn their back on the context in which they live. They neither embrace the modern textbook that has turned its back on life nor the thematics that abdicate form merely to illustrate something. Her paintings set out to erect upon the flesh of pictorial language their narratives devoid of starting point and endpoint, and are always journeys.

Her houses are triangles, the flowers are lines, a hat melts down into a pure mass of color, hair turns into circles and cones. It is thus, by allowing a prosaic vocabulary of trite living to appear erected underneath abstract forms, that these paintings infiltrate the fissure between Being and thing, between what is perennial and what is transitive. This work chooses to interlock in conflict – for it is precisely in the short circuit that its potency resides – what is worldly, what is passing, what is near, and what is sheer abstraction.

Canale’s works thus erect a subtle subversion that employs modern procedures and a fragmentation contemporary in its nature. In that same stroke, the artist gives us back as surprise the more commonplace day-to-day rendered anemic by our habit-dulled eyes. If painting itself is a challenge as it calls upon us to stop and contemplate in hyper-accelerated times, the paintings we see in *Entre os Ser e as Coisas* further disconcert us with the reminder that it is not a bad thing for things to be found yet again, and every day, in the same places. Yet one must “chastise the eyes by gazing at what crosses the sky and cunningly accepts its name as cloud, its response catalogued in memory.” And in this fixed gaze at what we seem to already know, at what has become automatized and what we no longer truly see, we discover unsuspected beauty and uniqueness. “To resist, so that the delicate action of turning the doorknob, an action that could transform everything, does not take on the cold effectiveness of an everyday reflex.” The paintings assembled today constitute themselves as a space of resistance where we remember the chance to resume looking at what our eyes glimpse every day, wiping off the dust that habit has caused to gather. For let us remember that for each thing there is a Being. Art has the power to endow life with a second life. Faced with Cristina Canale’s work, we are targeted precisely by this second skin endows the more commonplace experiences with singularity and meaning.



casa triângulo, 2014 -- óleo sobre tela/oil on canvas -- 240 x 240 cm

cristina canale

entre o ser e as coisas

texto/text

luisa duarte

fotos/photos

uwe walter

ilona ripke

tradutor/english version

gabriel blum

revisão/proofreading

flávia andréa paiola

realização/produced by

galeria nara roesler

galeria nara roesler

são paulo

avenida europa 655

jardim europa 01449-001

abertura/opening

26.07.2014

11 > 15h

exposição/exhibition

28.07 > 23.08.2014

seg/mon > sex/fri 10 > 19h

sáb/sat 11 > 15h



(capa/cover) **anjo**, 2014 -- óleo sobre tela/
oil on canvas -- 200 x 300 cm

galeria

nara roesler

são paulo

rio de janeiro

info@nararoesler.com.br

www.nararoesler.com.br